

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

5. A permanência do acontecimento na história (o templo no tempo)

de Luigi Giussani*

O testemunho de Mikel Azurmendi mostrou-nos que a experiência cristã é a «surpresa de uma pessoa» que entra na nossa vida. Tal surpresa, encontro absolutamente gratuito, não deixa o homem passivo, mas requer ser escutada. Somente tendo a paciência de dar espaço a essa surpresa é que o homem poderá dar-se conta do bem e da alegria que ela transmite, como principal «fonte do gosto pela vida». Assim a surpresa inicial, ao longo do tempo, torna-se admiração e simpatia profunda.

Publicamos o texto sobre o qual trabalharemos no início do período de Natal, extraído do livro de L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019 (pp. 86-105).

Lembramos que é possível mandar perguntas e testemunhos no site:
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>
na seção «Scuola di Comunità».

6. UMA MORALIDADE NOVA

Falar do entendimento novo da realidade, introduzindo o conceito de *affectus*, significa chegar ao limiar do problema moral. Conhecimento novo e moralidade nova têm a mesma origem. Para Simão, filho de João, e para Paulo, a origem do conhecimento novo é idêntica à origem de sua moralidade: um Acontecimento presente.

Do fato de pertencer à companhia de Cristo nasce uma nova concepção do problema moral. Na confusão, na solidão obscura, na violência desenfreada que domina o mundo de hoje, todos falam de moral. Mas o problema nunca aparece em sua verdade.

Ora, a ação do homem é moral quando está em função da totalidade. A ação só é verdadeira, só é moral, se corresponde ao desígnio total; se deixa uma parte de fora, já não é moral. É uma analogia com o dinamismo da razão, que, sendo consciência da realidade segundo a totalidade de seus fatores, já não é razão, mas mentira, quando deixa de fora um único que seja desses fatores. Analogamente, uma ação nossa é moral quando mantém a abertura original à realidade com que Deus nos cria continuamente.

A corrupção da moralidade – hoje particularmente em voga – chama-se moralismo. O moralismo é a escolha unilateral de valores para abonar a própria visão das coisas. Nor-»

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,
São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, pp. 86-105.

» malmente, os homens percebem que, sem uma certa ordem, não é possível conceber a vida, a realidade, a existência. Mas como definem essa ordem? Os homens, considerando a realidade de acordo com os vários pontos de vista de que partem, descrevem seus dinamismos estáveis e alinham uma série de princípios e de leis, convencidos de que, sendo cumpridos esses princípios e essas leis, a ordem se cria. E é assim que, em cada época, se vão sucedendo as várias proposições analíticas em que a reflexão desdobra suas pretensões: “É preciso fazer assim e assado...” Os fariseus definiam a ordem estabelecendo um número quase infinito de leis: de um certo ponto de vista, o fariseu é o homem afeiçoado à ordem, o defensor da moral, entendida como essa mesma ordem afirmada e, na medida das possibilidades do homem, delineada em todos os seus detalhes.

O moralismo traduz-se em dois sintomas graves. O primeiro, justamente, é o farisaísmo. Ninguém é mais antievangélico do que quem se considera honesto,⁹⁸ pois já não precisa de Cristo. O fariseu vive sem a tensão da busca, porque estabelece por si mesmo a medida do que é justo e identifica-a com o que acha que pode fazer. Em consequência disso, emprega a violência contra quem não for como ele. O segundo sintoma, assim, é a facilidade para a calúnia. Logo: de um lado, justificação para si mesmo; de outro, ódio e condenação do próximo.

Há ainda, porém, mais uma consequência do que dissemos: muito embora seja possível ter muitas morais, e por mais que as intenções de quem as descreve até possam parecer todas justas, teoricamente, o homem é impotente face aos ideais que ele mesmo traça, como uma trilha à qual deve ser fiel em sua caminhada.

Quem é capaz de moralidade? Por sua fraqueza, todo homem é pecador. Sem a consciência de que somos pecadores, é impossível nos dirigirmos a quem quer que seja sem tratá-lo com injustiça, presunção, pretensão, ataque, calúnia e mentira. Ao contrário, quando temos a consciência de que somos pecadores, surgem a possibilidade de uma discricção, a nostalgia de uma verdade para nós mesmos e para o outro, o desejo de que o outro ao menos seja melhor do que nós mesmos, a humildade. Não é possível estabelecer qualquer relação verdadeira sem partir da consciência de que somos pecadores, daquilo que nos falta, dos erros em que sempre caímos.

Sobre esse ponto, Cristo retomou uma insistência que já tinha sido dos profetas. Que homem pode dizer: “Eu obedeço a todas as leis”? Alguém até pode dizer: “Reconheço estas leis como necessárias”, mas quem é que as cumpre todas? Quem é que pode dizer: “Observo todas as leis”? O fariseu no templo! Mas é um fariseu, e então esmaece o significado desse termo e a palavra “fariseu” passa a ser sinônimo de impostor, de presunçoso. No fundo do templo, porém, encontramos o pobre coitado que reconhece que agiu contra a lei: “Meu Deus, sê propício para mim, que sou pecador”.⁹⁹

A coerência é um milagre, e por isso a moralidade verdadeira é um milagre. É na fidelidade à companhia cristã que alguém, com o tempo, se surpreende tornando-se capaz de coisas que nem poderia imaginar: “A ti, Senhor, pertence a misericórdia”.¹⁰⁰

No Reino de Deus, não há nenhuma medida, nenhum metro: “Ninguém julgue, porque só Deus julga”.¹⁰¹ São Paulo diz também: “Eu não julgo ninguém, nem a mim mesmo”.¹⁰² Só Deus mede todos os fatores do homem que age, e sua medida supera qualquer outra: chama-se misericórdia, algo incompreensível para nós, em última instância. Disse o homem Jesus »

⁹⁸ Cf. Lc 18,9-14.

⁹⁹ Cf. Lc 18,13.

¹⁰⁰ Sl 62(61),13.

¹⁰¹ Cf. Rm 14,10-13.

¹⁰² Cf. 1Cor 4,3.

» daqueles que o matavam: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem”;¹⁰³ aproveitando-se da margem infinitesimal deixada pela ignorância deles, Cristo construía-lhes a defesa. É no espaço da misericórdia que se dá a nossa imitação d’Ele.

Portanto, a moralidade é uma inclinação à retomada contínua. Como uma criança aprendendo a andar: cai dez vezes, mas tende para sua mãe, levanta-se de novo e segue em sua direção. O mal não nos detém; podemos cair mil vezes, mas o mal não nos define, como, ao contrário, define a mentalidade mundana, que leva os homens a acabar por justificar o que não conseguem deixar de fazer. A característica da verdadeira moralidade, então, é o desejo de correção. O termo “corrigir”, que traduz a locução latina *regere cum* (“conduzir com”), indica caminhar sustentando-se juntos.

O sintoma último da moralidade como tensão em busca de algo é a ausência de escândalo: um cristão que vive a companhia não se escandaliza com nada; sente a dor pelo mal, mas não o escândalo.

Como foi que essa moralidade nova entrou no mundo? Como se manifestou?

“Simão, tu me amas?”

O capítulo 21 do Evangelho de João é a documentação fascinante do surgimento histórico da ética nova. A história peculiar ali narrada é o ponto chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo.

Ao amanhecer, os discípulos voltavam de uma árdua noite no lago, em que não haviam pescado nada. Já perto da margem, viram na praia uma figura que procurava acender uma brasa. Veriam, depois, que sobre essa brasa havia peixes trazidos para eles, para matar a fome daquelas primeiras horas da manhã. E João diz a Pedro: “Mas aquele é o Senhor!” Abrem-se então os olhos de todos e Pedro atira-se às águas, tal qual está, e chega primeiro à margem. Chegam em seguida os outros. Fazem um círculo, todos em silêncio: ninguém fala, porque todos sabem que aquele é o Senhor. Reclinados para comer, trocam algumas palavras entre si, mas todos se sentem intimidados pela presença excepcional de Jesus, de Jesus ressuscitado, que já lhes havia aparecido em mais de uma ocasião.

Simão, cujos muitos erros o haviam tornado o mais humilde de todos, estendido também na areia, diante da refeição preparada pelo Mestre, olha para a pessoa a seu lado e, com surpresa e tremor, vê que é Jesus. Então, torna o olhar para bem longe d’Ele e fica nessa posição, embaraçado. Mas Jesus dirige-lhe a palavra. Pedro pensa, em seu coração: “Meu Deus, meu Deus, que reprovação eu mereço! É agora que ele vai dizer: ‘Por que me traíste?’” A traição tinha sido o último grande erro que ele cometera, mas toda a sua vida, mesmo nesse tempo de familiaridade com o Mestre, tinha sido atribulada, por causa de seu caráter impetuoso, de sua imponência instintiva, de sua tendência a agir sem medir as consequências. Era à luz de seus defeitos que Pedro via tudo o que ele era e toda a sua vida. Aquela traição fizera sobressair com clareza, nele, o resto de seus erros, o fato de não valer nada, o quão fraco era, fraco de dar dó. “Simão...” – imaginem o calafrio que o deve ter percorrido, enquanto aquela palavra ia aos poucos ressoando dentro de seus ouvidos, até tocar seu coração –, “Simão...” – e aqui deve ter esboçado voltar o rosto para Jesus –, “...tu me amas?” Quem poderia esperar essa pergunta? Quem poderia esperar essa palavra?

Pedro era um homem de quarenta ou cinquenta anos, com família e filhos, e mesmo assim tão criança diante do mistério daquele companheiro que encontrara por acaso! Imaginem como deve ter-se sentido atravessado por aquele olhar que o conhecia tintim por tintim. »

¹⁰³ Lc 23,34.

» “Tu te chamarás Cefas”:¹⁰⁴ seu temperamento forte era identificado por aquela palavra, “pedra”, e a última coisa que ele poderia pensar era o que o mistério de Deus e o mistério daquele Homem – Filho de Deus – fariam com aquela pedra, daquela pedra. Desde o primeiro encontro, Ele ocupou todo o espaço de sua alma, todo o seu coração. Com aquela presença dentro do coração, com a memória contínua d’Ele, olhava para a esposa e os filhos, para os colegas de trabalho, os amigos e os estranhos, os indivíduos e as multidões, e pensava e ia dormir. Aquele Homem tinha-se tornado para ele como que uma grande, imensa revelação ainda não esclarecida.

“Simão, tu me amas?” “Sim, Senhor, eu Te amo.” Como conseguia dizer isso, depois de tudo o que tinha feito? Aquele “sim” era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que arrastava consigo todas as outras. Tudo ficava circunscrito àquele olhar que trocavam; era como se a coerência e a incoerência finalmente passassem para segundo plano, atrás da fidelidade que Pedro sentia carne da sua carne, atrás da forma de vida que aquele encontro havia moldado.

De fato, não houve nenhuma reprovação. Soou de novo apenas a mesma pergunta: “Simão, tu me amas?” E Pedro, cheio de temor e tremor, mas não inseguro, respondeu novamente: “Sim, eu Te amo”. Mas na terceira vez, na terceira vez em que Jesus lhe dirigiu a pergunta, teve de pedir a confirmação do próprio Jesus: “Sim, Senhor, Tu o sabes, eu Te amo. É por Ti toda a minha preferência como homem, toda a preferência da minha alma, toda a preferência do meu coração. Tu és a extrema preferência da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei como explicar, nem como pode ser isso, mas, apesar de tudo o que eu fiz, apesar de tudo o que ainda posso fazer, eu Te amo”.

Esse “sim” é a nascente da moralidade, o primeiro sopro de moralidade no deserto árido do instinto e da mera reação. A moralidade deita suas raízes no “sim” de Simão, e esse “sim” só pode germinar na terra do homem em virtude de uma Presença dominante, compreendida, aceita, abraçada, servida com todo o impulso do próprio coração, que só assim pode voltar a ser criança. Sem uma Presença, não há gesto moral, não há moralidade.

Mas por que razão o “sim” de Simão a Jesus é a nascente da moralidade? Os critérios de coerência e incoerência não vêm em primeiro lugar?

Pedro tinha aprontado de tudo, e mesmo assim vivia uma simpatia suprema por Cristo. Entendia que tudo em si tendia para Cristo, que tudo se concentrava naquele olhar, naquele rosto, naquele coração. Os pecados do passado não podiam constituir uma objeção, nem tampouco toda a incoerência futura que ele pudesse imaginar: Cristo era a fonte, o lugar de sua esperança. Mesmo que lhe tivessem apresentado como objeção o que havia feito ou o que poderia vir a fazer, Cristo continuava a ser, através da névoa daquelas objeções, a fonte de luz de sua esperança. E ele O estimava acima de qualquer outra coisa, desde o primeiro momento em que se sentira fitado por Ele, olhado por Ele: amava-O por isso.

“Sim, Senhor, Tu sabes que és o objeto da minha simpatia suprema, da minha estima suprema”: assim nasce a moralidade. Contudo, a expressão é muito genérica: “Sim, eu Te amo”; mas é tão genérica quanto geradora de uma diversidade de vida que todos buscam. “Todo o que nele tem essa esperança, purifica-se a si mesmo, como Ele é puro.”¹⁰⁵ Nossa esperança está em Cristo, nessa Presença que, por mais distraídos e esquecidos que sejamos, já não conseguimos retirar da terra do nosso coração – não até a última partícula, pelo menos –, graças a toda a tradição dentro da qual Ele chegou até nós. É n’Ele que eu deposito a minha esperança, antes de contar todos os meus erros e as minhas virtudes. Fazer contas, aqui, não interessa. Na relação com Ele, os números não importam, o peso medido e mensurável não »

¹⁰⁴ Cf. Jo 1,42.

¹⁰⁵ 1Jo 3,3.

» conta, e toda a possibilidade de mal que se pode realizar em mim no futuro também não conta, não consegue usurpar o título primordial que o “sim” de Simão, repetido por mim, possui aos olhos de Cristo. Sobe então um jorro do fundo de nós, como um respiro que enche o peito e inebria a pessoa inteira e a leva a agir, leva-a a desejar agir de um modo mais justo: brota, desponta do fundo do coração a flor do desejo da justiça, do amor verdadeiro, autêntico, da capacidade de gratuidade. Da mesma forma que o início de qualquer movimento nosso não é uma análise do que os olhos veem, mas abraçar o que o coração espera, a perfeição também não é o cumprimento das leis, mas a adesão a uma Presença.

Só o homem que vive essa esperança em Cristo continua a vida inteira numa ascese, num esforço pelo bem. E, mesmo quando é evidentemente contraditório, deseja o bem. O bem vence sempre, no sentido de que é a última palavra sobre a própria pessoa, sobre seu dia, sobre o que ela faz, sobre o que fez, sobre o que vai fazer. O homem que vive essa esperança em Cristo permanece em ascese. A moralidade é uma propensão contínua para o “perfeito” que nasce de um acontecimento em que uma relação com o divino, com o Mistério, é *assinada*.

A razão última do “sim”

Qual é a verdadeira razão do “sim” que Simão diz a Cristo? Por que é que o “sim” que Simão diz a Jesus vale mais que enumerar todos os seus erros e elaborar a lista de todas as possibilidades de erros futuros que a sua fraqueza implica? Por que é que esse “sim” é mais decisivo e maior que toda a responsabilidade moral, traduzida em seus pormenores, traduzida numa prática concreta? A resposta a essas perguntas revela a essência última do Enviado do Pai. Cristo é o “enviado” do Pai, é Aquele que revela o Pai aos homens e ao mundo. “Ora, a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, o Deus único e verdadeiro, e Àquele que Tu enviaste, Jesus Cristo.”¹⁰⁶ A coisa mais importante é “que eles te conheçam a Ti”, que amem a Ti, pois esse Tu é o sentido da vida.

“Sim, eu Te amo”, disse Pedro. E a razão desse “sim” consistia no fato de ele ter vislumbrado naqueles olhos que o fitaram daquela primeira vez – e que depois o fitaram tantas outras vezes ao longo dos dias e dos anos seguintes – quem era Deus, quem era o Senhor, o verdadeiro Senhor: *misericórdia*.¹⁰⁷ Em Jesus revela-se a Simão que a relação de Deus com sua criatura é de amor e, portanto, de misericórdia. A misericórdia é a postura do Mistério ante qualquer fraqueza, erro e esquecimento do homem: Deus, perante qualquer crime do homem, ama-o.

Foi isso que Simão sentiu; é daqui que nasce o seu “sim, eu Te amo”.

O sentido do mundo e da história é a misericórdia de Cristo, Filho do Pai, enviado pelo Pai para morrer por nós. No drama de Milosz, quando Miguel Mañara procura o Abade todos os dias para se lamentar de seus pecados do passado, chega uma hora em que o sacerdote, como que perdendo a paciência, diz: “Chega desses lamentos de mulherzinha. Nada disso jamais existiu”. Como “jamais existiu”? Miguel tinha assassinado, estuprado, tinha sido injusto... »

¹⁰⁶ Jo 17,3.

¹⁰⁷ Uma passagem de Santo Ambrósio pode ser esclarecedora, nesse sentido. Em seu longo comentário à Criação, quando chega ao sétimo dia, o dia em que Deus descansou, ele afirma: “Agradeço ao Senhor nosso Deus, que criou uma obra tão maravilhosa em que pudesse encontrar seu repouso. Criou o céu, e não leio que tenha repousado; criou a terra, e não leio que tenha repousado; criou o sol, a lua, as estrelas, e não leio que nem depois disso tenha repousado; mas leio que criou o homem e que, então, repousou, tendo um ser a quem perdoar os pecados” (Santo Ambrósio. *Exameron*, IX, 76. In: *Opera omnia di Sant’Ambrogio*, vol. 1. Milão: Biblioteca Ambrosiana; Roma: Città Nuova, 1979, p. 419).

» “Nada disso jamais existiu. Só Ele é.”¹⁰⁸ Ele, Jesus, dirige-se a nós, faz-se “encontro” para nós, perguntando-nos uma única coisa: não “o que é que você fez?”, mas “você me ama?”

Amá-lo acima de todas as coisas, então, não significa que eu não tenha pecado ou que não venha a pecar amanhã. Que estranho! É preciso uma força infinita para ser essa misericórdia, uma força infinita da qual – neste mundo terreno, no tempo e no espaço que nos é dado viver, nestes poucos ou muitos anos – nós obtemos, haurimos a letícia. Porque um homem, com a consciência de toda a sua pobreza, fica contente diante do anúncio dessa misericórdia: Jesus é misericórdia. Ele é enviado pelo Pai para nos dar a conhecer que a essência de Deus tem como característica suprema, para o homem, a misericórdia. “Vós vos inclinastes sobre as nossas feridas e nos curastes”, diz um *Prefácio* da liturgia ambrosiana, “dando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior que a nossa culpa. Assim, o próprio pecado, graças ao Vosso invencível amor, serviu para nos elevar à vida divina”.¹⁰⁹

Dessa letícia nasce a paz, a possibilidade de paz. Mesmo em todos os nossos infortúnios, em todas as nossas maldades, em todas as nossas incoerências, em toda a nossa fraqueza, na fraqueza mortal que o homem é, podemos realmente respirar e suspirar pela paz, gerar a paz e o respeito pelo outro.

E respeitar o outro significa olhá-lo com os olhos fitos numa outra Presença. “Os cristãos”, diz a *Carta a Diogneto*, do século II, “tratam-se com um respeito que aos outros é inconcebível”.¹¹⁰ A palavra “respeito” (*respectus*, de *re-spicio*) tem a mesma raiz de *aspicio* (olhar), e nela o prefixo *re-* indica que o olhar se mantém sempre “voltado para”, como o de uma pessoa que, caminhando, mantém o olhar firme num objeto. “Respeito” significa “olhar para uma pessoa tendo presente outra”. É como olhar para uma criança quando sua mãe está bem ali do lado: a professora não a trata como sempre, fica mais atenta, desde que tenha, é claro, um pouco de pudor (mas hoje talvez até isso se tenha perdido). Sem o respeito por aquilo que manipulo, pelo que me deve servir, pelo que tomo em minhas mãos para que me sirva, não há relação adequada com nada. Mas o respeito não pode nascer do fato de que o que eu tenho à minha frente me possa servir: deste ponto de vista, eu o domino. Não; o respeito “vai além” daquilo que eu uso. Assim, o trabalho adquire uma nobreza, uma leveza de atitude maior, mesmo no meio de todas as tribulações que enfrentamos já desde que nos levantamos da cama. E a renovação dessa consciência é a oração da manhã. Um homem que olhe para sua mulher percebendo e reconhecendo o Outro, Jesus, dentro e além da figura de sua esposa, pode ter por ela respeito e veneração, pode ter estima pela sua liberdade, que é relação com o infinito, relação com Jesus.

O início da moralidade humana é um ato de amor

O “sim” de Simão a Jesus não pode ser considerado sinal de um sentimento, mas o início de um caminho moral que, se não começa por esse “sim”, não se inicia. O início de uma moral humana não é a análise dos fenômenos que preenchem a existência do eu, nem a análise dos comportamentos humanos em vista de um bem comum; este poderia ser o início de uma moral laica abstrata, mas não de uma moral humana.

Santo Tomás observa que “a vida do homem consiste no afeto que principalmente o »

¹⁰⁸ Cf. O. Milosz, *Miguel Mañara: Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber, 2018, pp. 59-73.

¹⁰⁹ Prefácio do 16º Domingo do Tempo Comum. In: *Messale Ambrosiano Festivo*. Turim: Marietti; Milão: Jaca Book, 1976, p. 653.

¹¹⁰ *Carta a Diogneto*, PG 2, 1167-1186.

» sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”.¹¹¹ O início de uma moralidade humana é um ato de amor. Para isso, é indispensável uma presença, a presença de alguém que impressione a nossa pessoa, que reúna todas as nossas forças e as solicite, atraindo-as para um bem desconhecido e ainda assim desejado e esperado: o bem que é Mistério.

O diálogo entre Jesus e Pedro termina de um modo estranho. Pedro, prestes a seguir Jesus, ainda se preocupa com o mais jovem, João, que era como um filho para ele: “Quando Pedro viu aquele discípulo, perguntou a Jesus: ‘E este, Senhor?’ Jesus respondeu: ‘Que te importa? Tu segue-me’”.¹¹² Esse “sim” é dirigido a uma Presença que diz: “Segue-me, abandona a tua vida”. “*Jesu, tibi vivo; Jesu, tibi morior; Jesu, sive vivo sive morior, tuus sum.*”¹¹³ Quer tu vivas, quer tu morras, és meu. Pertences a mim. Eu te fiz. Eu sou o teu destino. Eu sou o significado de ti e do mundo.

A pessoa inteira, o eu inteiro é protagonista da moral. E a pessoa tem como lei uma palavra que todos cremos conhecer, mas cujo significado, só depois de muito tempo, se tivermos um mínimo de fidelidade ao que é original em nós, é que começaremos a vislumbrar: amor. A pessoa tem como lei o amor. “Deus, o Ser, é amor”, escreve São João.¹¹⁴

O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao destino. É um juízo, como quando alguém diz: “Este é o Monte Branco”, “este é um grande amigo meu”. O amor é um juízo comovido por uma Presença ligada ao meu destino, que eu descubro, vislumbro, pré-sinto ligada ao meu destino. Quando João e André o viram pela primeira vez e dele ouviram: “Vinde a minha casa. Vinde e vede”, e ficaram todas aquelas horas a ouvi-lo, não entendiam, mas pressentiam que aquela pessoa estava ligada ao destino deles. Tinham ouvido a todos os que falavam em público, tinham ouvido suas opiniões e as de todos os partidos; mas só aquele Homem estava ligado ao destino deles.

A moral cristã é a revolução neste mundo, pois não é uma lista de leis, mas um amor ao ser: a pessoa pode errar mil vezes e isso sempre lhe será perdoado, sempre será corrigida e retomará seu passo na caminhada, se seu coração recomeçar pelo “sim”. O importante desse “sim, Senhor, eu te amo” é uma tensão da minha pessoa inteira, determinada pela consciência de que Cristo é Deus e pelo amor a esse Homem que veio por mim: toda a minha consciência é determinada por isso, e eu posso errar mil vezes por dia, até chegar a ter vergonha de levantar a cabeça, mas essa certeza ninguém me tira. Rogo apenas ao Senhor, ao Espírito, que me mude, que me faça imitador de Cristo, que minha presença seja mais como a de Cristo.

A moral é amor, é amor ao Ser que se fez homem, acontecimento na história, que me alcança por intermédio da misteriosa companhia que historicamente se chama Igreja, ou Corpo misterioso de Cristo, ou Povo de Deus: eu O amo dentro dessa companhia. Podem-me repreender por cem mil erros, podem-me enviar ao tribunal, o juiz pode mandar-me para a prisão sem direito a processo, numa injustiça evidente, sem considerar se eu fiz ou não fiz, mas não podem tirar de mim esse apego que me faz estremecer continuamente de desejo pelo bem, ou seja, pela adesão a Ele. Pois o bem não é o “bem”, mas a adesão a Ele; é seguir esse rosto, a sua Presença, carregar sua Presença por toda parte, declará-la a quem quer que seja, para que essa Presença domine o mundo – o fim do mundo acontecerá no momento em que essa Presença se tornar evidente para todos.

Esta é a moral nova: um amor, não regras a seguir. E o mal é ofender o objeto do amor ou esquecê-lo. Afinal, é perfeitamente possível, analisando com humildade todos os cursos e »

¹¹¹ Cf. Santo Tomás de Aquino. *Summa Theologiae*, II, IIae, q. 179, art. 1.

¹¹² Cf. Jo 21,20-22.

¹¹³ “*Jesu tibi vivo*”, canto medieval. In: *Cantos*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 33.

¹¹⁴ Cf. 1Jo 4,8.

» recursos da vida de um homem, dizer que “tal coisa seria ruim, tal outra seria boa”, elaborar uma relação, em ordem alfabética, de todos os erros em que o homem pode incorrer; em outras palavras, é perfeitamente possível elaborar um livro de moral. Mas a moral está em mim, que amo Aquele que me fez e continua presente. Se não fosse isso, eu poderia usar a moral exclusivamente para afirmar um interesse meu; seria sempre desesperador. Seria preciso ler Pasolini ou Pavese para entender isso; não, basta lembrar-se de Judas.

A permanência da moralidade nova

Se o início da moralidade nova é um ato de amor, de adesão, e tal ato exige a Presença de alguém que nos impressione e atraia todas as nossas forças – tal como Jesus solicitou a Simão –, passa a ser fundamental que respondamos à seguinte pergunta: como se mantém esse acontecimento vivamente presente em nossa existência? A resposta a essa questão estabelece a possibilidade da nova moral no presente, aqui e agora; do contrário, essa moral começaria para nós de um modo intelectualista, abstrato, discursivo. A resposta está naquele termo cristão que pertence à experiência do presente, sem o qual nem poderíamos saber se a nossa experiência é concreta ou fantasiosa: “memória”. Na memória, o acontecimento que experimento, com toda a sua riqueza, é mergulhado no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história.

A primeira condição para a moralidade nova é fazer memória dessa Presença que excede os termos do conhecimento humano, ou seja, reconhecer aqui e agora a Presença que não pode ser reduzida a nenhuma hipótese humana.

Essa Presença é uma realidade que está diante de nós e, mediante a força de Seu Espírito, em nós. É permanente em nossa vida, e tão poderosa a ponto de tornar possível, quando lhe aderimos, o desenvolvimento de uma nova criação em nós. Assim, a pessoa, depois da imperfeição e do erro, ao fim de cada ação, que é sempre desproporcional e sempre imperfeita, pode renascer dando um passo mais adequado, pois o dom dessa Presença perdura, como uma fonte de água fresca, sem que nenhum limite nosso possa detê-lo.

A permanência dessa Presença é graça, puro acontecimento, a que não resistimos ao aderirmos aqui e agora. Nós o reconhecemos e aderimos. É graça, da mesma forma que são graça o encontro, a surpresa, a continuidade, o ímpeto de adesão; e essa graça torna-se nossa porque a aceitamos. *Aceitar* essa novidade absoluta, que acontece mil vezes por dia, é o aspecto supremo da liberdade.

Tal como foi para João e André, para Simão, para Zaqueu, o início de nossa mudança é uma graça, um dom. Tivemos um encontro que tem como finalidade mudar-nos e realizar-nos. E aderimos a essa Presença, que corresponde de modo excepcional às nossas expectativas, mediante uma adesão que resiste no tempo, como se deu com Zaqueu, que já não era definido pela imperfeição em que recaía, pois essa Presença lá estava, a atravessar como um regato fresco e puro toda a imundície da floresta da sua humanidade.¹¹⁵

A surpresa do encontro, a continuidade dessa surpresa, a adesão à Presença que permanece implicam abraçar e viver em unidade com todos aqueles que a própria Presença aproxima de nós. Essa Presença tornou-se objeto do nosso olhar, para que, por intermédio de nós, que estamos repletos de defeitos e de dor por esses defeitos, e por intermédio do ímpeto insólito que desse encontro deriva, fosse mais conhecida e amada. »

¹¹⁵ Cf. Lc 19,1-10.

» 7. A RESPONSABILIDADE E A DECISÃO

Fomos amados, somos amados: é por isso que “somos”. A lei moral e a moralidade – ou seja, a conformidade concreta, traduzida em ação, da nossa pessoa ao mistério do Ser – são caracterizadas por esta “lei” primeira e fundamental: reconhecer e aceitar que somos amados. Nós somos amados. Daqui deriva, como consequência, que amar, em sua forma essencial, em sua expressão suprema, é aceitar que somos amados, pois todo o resto provém daqui.

Se eu sou amado, se “sou” porque “amado”, o grande problema da minha existência, do meu estar no mundo, aquilo que torna possível que o meu sujeito se transforme em protagonista de um mundo novo, no qual o eterno começa a ser experiência no tempo, é a minha resposta: *a minha resposta ao Tu* que me ama, a minha correspondência, a minha valorização do que Ele criou em mim originariamente com a finalidade precisa de que O pudesse reconhecer, a Ele, que, excepcionalmente, decidiu vir até nós, habitar comigo e falar-me familiarmente usando palavras Suas, não copiadas do dicionário, mas tiradas do eterno, do fundo do Ser de que me fez participar.

Se eu sou porque sou amado, devo responder (*respondeo*): daqui nasce a “responsabilidade”. A responsabilidade é o terminal de toda a impetuosidade de nosso ser, repleto de uma sensibilidade eterna, que se move rumo à moldagem da fisionomia final, que é a glória do rosto de Cristo,¹¹⁶ da qual até a menor das pedrinhas participará.¹¹⁷ É a palavra “responsabilidade” que assegura o êxito de uma experiência de correspondência ao que é verdadeiro, ao fascínio do que é belo, à comoção do que é bom, à infável felicidade. Por sua completude, a grandeza da palavra “responsabilidade” é a principal fonte de gosto da vida. Se você não é responsável no que lhe dá prazer ou que o atrai, se não participa dessa coisa com responsabilidade, seja lá como for, essa coisa não é sua. Por isso, o paraíso implica a sua decisão, implica a responsabilidade: pois o paraíso é para o homem, e o homem é livre.¹¹⁸

A responsabilidade exprime-se como decisão da liberdade diante da Presença que reconhecemos como totalmente correspondente ao nosso destino. Mas com demasiada frequência é errada a nossa maneira de conceber a decisão da liberdade, como se esta fosse um ato determinado, em última instância, por mim: eu decido dizer sim a Ti, eu decido dizer “seja feita a tua vontade”. Não, é outra coisa. A decisão não pode ser entendida em sentido voluntarista (como sinônimo de força de vontade).

Para adentrar em sua dinâmica, pensemos no publicano no fundo do templo; ele não ousava erguer o olhar, mas dizia: “Tem piedade de mim!”, e intuía que aquele pedido seria acolhido, que Deus o reconheceria e que tal pedido tornava tudo justo.¹¹⁹ Mais uma vez, pensemos em São Pedro.¹²⁰ Por que razão, diante de Cristo, que lhe perguntava: “Tu me amas?”, nem mesmo a traição de poucos dias antes constituía uma objeção? Pedro respondeu “sim” imediatamente, como consequência de uma surpresa que começara em Cafarnaum, quando fora levado até Cristo por André, o irmão, e se sentira olhado por Ele de tal maneira, que aquele olhar o transpassou e o definiu no que diz respeito a sua qualidade de homem, a seu caráter, a ponto de ter Ele mudado seu nome.¹²¹ De que eram feitas aquela impressão excepcional e aquela surpresa inicial, até mesmo do ponto de vista psicológico? A surpresa inicial era um juízo que se transformava imediatamente num apego: era um juízo que era como uma cola, »

¹¹⁶ Cf. 2Cor 3,18.

¹¹⁷ Cf. Rm 8,19-23.

¹¹⁸ Ver as belíssimas páginas de C. Péguy sobre a liberdade: “Il mistero dei santi innocenti”. In: *I Misteri*. Milão: Jaca Book, 1984, pp. 322ss.

¹¹⁹ Cf. Lc 18,9-14.

¹²⁰ Cf. Jo 21,15-19.

¹²¹ Cf. Jo 1,40-42.

» um juízo que colava Pedro e os discípulos a Ele. Cada dia que passava acrescentava novas “demãos de cola”, e eles já não se podiam libertar. “Mas vós nunca observais as leis!”¹²² Todos os fariseus escandalizavam-se com seu Mestre, porque andava com pessoas que não observavam as leis! E os apóstolos não sabiam o que responder: “Não sabemos se respeitamos ou não as leis, mas estamos apegados a este homem”. Não era um apego sentimental, um fenômeno emocional; era um fenômeno da razão, uma manifestação daquela razão que torna você “apegado” à pessoa que tem à sua frente, por ser um juízo de estima: olhando para essa pessoa, nasce um sentimento surpreendente de estima que leva você a apegar-se a ela. Não há nem sombra de irracionalidade ou afetação: “Se te deixarmos, para onde iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida”, disse-lhe uma vez Pedro, com sua impetuosidade de sempre.¹²³ E depois dessa afirmação continuou a fazer das suas, a ponto de Jesus lhe dizer: “Afasta-te, Satanás! Porque não pensas de acordo com Deus, mas de acordo com os homens”.¹²⁴ Que humilhação! Mas como consequência Pedro apegava-se ainda mais a Ele.

O “sim” de Simão não foi o resultado de uma força de vontade, não foi o resultado de uma “decisão” do homem Simão: nesse “sim” emergia, vinha à tona, todo um fio de ternura e de adesão que se explicava pela estima que tinha por Ele (portanto, era um ato da razão), e em consequência do qual não podia deixar de dizer “sim”. Esse é o “jogo” humano mais verdadeiro, mais autêntico, aquele que nos torna mais amigos de quem é mais amigo, que nos faz cheios de ternura por nossa mãe e de admiração por nosso pai: e esse “jogo” aumenta com o tempo, não para nunca. E não é irracional: é a única coisa racional. Para Pedro, era uma amizade que não dependia dele, mas que fora gerada nele. Realmente, muitos ouviam Jesus e diziam: “Que bonito!”, mas depois iam embora; nestes, essa amizade, essa ternura não fincava raízes.

Não era uma decisão como nós normalmente a concebemos, ou seja, como única forma de pôr a liberdade em prática. A natureza da decisão não é a de um ato enérgico da vontade, como no “Quis, sempre quis, fortissimamente quis!” de Alfieri.¹²⁵ O homem é frágil, é fraco como uma criança.¹²⁶ Só começa a crescer se reconhece isso.

A decisão, portanto, nasce como a instauração de uma simpatia. Os apóstolos seguiam Jesus porque estavam apegados a Ele graças a um juízo que os tornava capazes de uma decisão perfeitamente racional: quando se estabelece uma relação que chega até uma simpatia profunda, até a renovação de um apego que nasceu de uma surpresa incomparável, a racionalidade é um acontecimento.¹²⁷

¹²² Cf. Mt 12,1-14; 15,1-20.

¹²³ Cf. Jo 6,68.

¹²⁴ Cf. Mt 16,21-23.

¹²⁵ V. Alfieri, “Lettera responsiva a Ranieri de’ Casabigi [6 de setembro de 1783]”. In: *Tragedie*, I. Paris, 1888, p. LXXX.

¹²⁶ Ver o final do poema dramático *Brand*, de H. Ibsen (Milão: Bur, 1995, p. 240): “Responde-me, ó Deus, na hora em que a morte me arrebatara: pode toda a vontade de um homem obter um único fio de salvação?”

¹²⁷ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 71-85.